

# FAZER A REF É FAZER POLÍTICA: MEMÓRIAS DE UMA METAMORFOSE EDITORIAL

LUZINETE SIMÕES MINELLA  
Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** *Este artigo pretende refletir sobre o novo modelo editorial inaugurado na Revista Estudos Feministas em 2002, ou seja, três anos após a sua instalação na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ao elaborar as memórias dessa metamorfose, nos primeiros itens, refiro-me às transições do formato da editoria da REF, às razões e aos critérios da sua nova estruturação, bem como aos significados da expansão da equipe diante da situação de algumas publicações feministas nacionais e internacionais. No último item elaboro um breve balanço das vantagens e dos desafios implicados nessa nova política editorial.*

**Palavras-chave:** *política editorial; publicações feministas; editorias específicas.*

## Introdução

Este artigo se integra às demais contribuições desta seção temática que homenageia os 15 anos da *Revista Estudos Feministas* e pretende refletir sobre o novo modelo editorial inaugurado em 2002, três anos após a sua instalação na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O seu conteúdo foi sinteticamente apresentado durante a realização do colóquio intitulado Estudos Feministas e Políticas Sociais: a Contribuição da *Revista Estudos Feministas* – 15 Anos, realizado entre 8 e 9 de novembro de 2007 naquela instituição.

Ao registrar a memória desse novo modelo, nos próximos itens, refiro-me aos seguintes aspectos: às transições do formato da editoria da *REF*, às razões e aos critérios da sua nova estruturação, bem como aos significados da política de expansão da equipe diante da situação de algumas publicações feministas nacionais e internacionais. No último item elaboro um breve balanço das vantagens e dos desafios implicados nessa metamorfose. Esse relato se respalda na minha participação ativa, entre 2001 e 2004, na proposição e na implementação desse modelo, o qual vigora até o momento após os ajustes promovidos pelas pesquisadoras que me sucederam na coordenação editorial.<sup>1</sup>

*Copyright* – 2008 by Revista Estudos Feministas.

<sup>1</sup> Joana Maria Pedro, Susana Bornéo Funck, Cristina Scheibe Wolff, Sônia Weidner Maluf e Simone Pereira Schmidt.

A realização desta tarefa se inspira nas contribuições de Cláudia de Lima Costa<sup>2</sup> Jacira Melo,<sup>3</sup> Jules Falquet,<sup>4</sup> Maria Margaret Lopes e Adriana Piscitelli<sup>5</sup> e Miriam Pillar Grossi,<sup>6</sup> pois parto de considerar que as publicações feministas constituem uma forma específica de fazer política científica e de exercer uma militância na medida em que, de um modo ou de outro, elas promovem e são influenciadas pelos debates teóricos, interferindo nas práticas sociais através das reflexões sobre as suas implicações e os seus impactos.

A análise das vantagens e dos desafios dessa experiência coletiva procura não perder de vista o fato de que a Revista nasceu em 1992, no contexto da redemocratização do País e da expansão dos movimentos sociais de modo geral e dos feministas, especificamente. Talvez em virtude de um compromisso originário com esse contexto, embora obedecendo às regras acadêmicas que orientam as publicações científicas, a *REF* tem conseguido atuar na contramão das políticas editoriais tradicionais, propondo desde o início algo inovador: sua rotatividade institucional como uma forma de evitar que sua edição viesse a se configurar como um nicho editorial, controlado pelas mesmas pessoas, grupos e tendências.<sup>7</sup>

Por essas razões, ao realizar o balanço no item final, parto ainda de considerar que a concepção do novo formato da equipe da Revista deu continuidade ao comprometimento com a quebra de certas tradições que vigoram no âmbito da produção e da divulgação do conhecimento científico, assumindo a expansão da sua equipe como política editorial, num contexto em que se consolida, com maior ou menor êxito, entre altos e baixos, ganhos e perdas, avanços e recuos, o complexo processo de democratização institucional no País.

## **I - O novo modelo editorial: expansão da equipe, flexibilização da noção de editoria e incorporação de novas gerações e instituições**

Antes de sintetizar as linhas gerais do novo modelo, ressalto que em termos da estruturação da editoria, desde a sua criação, a *REF* atravessou três momentos: o primeiro, mais concentrado em poucas pessoas, prevaleceu de 1992 até 2001 e incluía uma editoria da qual participavam até três pesquisadoras reconhecidas na área, as quais, sem excluir a colaboração de outras pesquisadoras, eram responsáveis por todas as seções da Revista: artigos, ponto de vista (ensaios e entrevistas), dossiês e resenhas.

A respeito dessa estruturação, referindo-se mais especificamente ao período entre 1999 e 2001, o relato de Miriam Grossi confirma que as editoras, além de manejar os artigos, tinham também “de lidar com as outras seções da revista: entrevistas, resenhas, ensaios, dossiês”. Mas, esse trabalho não era totalmente solitário. A autora lembra que, dando continuidade às práticas estabelecidas pelas gestões anteriores, eram utilizadas “diferentes estratégias para a elaboração destas seções” ao longo daquele período: “em alguns casos solicitávamos a colegas de outras instituições acadêmicas e de ONGs que se responsabilizassem por alguma destas seções. Em outros, a própria editoria local assumiu a sua produção”.<sup>8</sup>

---

<sup>2</sup> Cláudia de Lima COSTA, 2003.

<sup>3</sup> Jacira MELO, 2003.

<sup>4</sup> Jules FALQUET, 2004.

<sup>5</sup> Maria Margaret LOPES e Adriana PISCITELLI, 2004.

<sup>6</sup> Miriam Pillar GROSSI, 2004.

<sup>7</sup> Ver Lena LAVINAS, 1992.

<sup>8</sup> GROSSI, 2004, p. 216.

Num segundo momento, em 2001, esse formato começou a ficar mais flexível porque foi criada uma editoria de resenhas. No terceiro momento, ou seja, no primeiro semestre de 2002, cientes de que a sobrecarga de trabalho dificilmente poderia ser incorporada por apenas duas a três pessoas e uma editoria de resenhas e, portanto, cientes da necessidade de flexibilizar a estrutura da Revista, imprimindo maior agilidade ao imenso rol de tarefas cotidianas, foi discutido e aprovado um novo modelo editorial, compreendendo-se que esse seria testado na prática e submetido à avaliação nas etapas subseqüentes, podendo sofrer os ajustes considerados necessários pela equipe.<sup>9</sup>

No decorrer da implementação do novo modelo, as reuniões da equipe foram sendo agendadas com bastante antecipação e nelas se adotou como regra que vigora até os dias atuais a apresentação de um balanço da situação das diferentes editorias, visando à troca de idéias sobre o planejamento de cada uma delas, sobre as experiências acumuladas e as possibilidades de apoio mútuo.

O novo modelo foi implementado no volume 10, n. 2, de 2002,<sup>10</sup> compreendendo, além da coordenação editorial, a editoria de artigos, ensaios e seção temática, a editoria de dossiês, a de resenhas e a de entrevistas.<sup>11</sup> Segundo o meu ponto de vista, essa metamorfose significou várias coisas ao mesmo tempo:

a) do ponto de vista numérico, a equipe passou a funcionar com dez editoras, além da coordenadora editorial, das editoras assistentes e das adjuntas, totalizando quatorze pessoas;

b) no âmbito institucional, fortaleceu a vinculação do Centro de Filosofia e Ciências Humanas com o Centro de Comunicação e Expressão,<sup>12</sup> ampliando-se o número de editoras de ambos e, portanto, incorporando uma maior diversidade teórica e geracional;

c) quanto às políticas editoriais, esse modelo ampliou a noção de editoria, na medida em que as responsabilidades pelas diferentes seções se dividiam, configurando um trabalho coletivo que passou a demandar negociações mais amplas e mais constantes na condução dos processos de edição, exigindo que a coordenação desenvolvesse a capacidade de diálogo com muitas "frentes" de trabalho; e

d) no que se refere à captação de artigos e à divulgação, a *REF* ganhou um impulso muito maior, desde quando várias pesquisadoras passaram a poder representá-la nos diferentes eventos da área realizados no País e no exterior.

A partir do segundo semestre de 2004, prosseguiu a expansão da equipe, impulsionada, a meu ver, por três fatores principais: o aumento da oferta de textos resultante tanto da ampliação do campo no País quanto do estímulo à produção científica por parte

<sup>9</sup> Proposta elaborada por Luzinete Simões Minella e Cláudia de Lima Costa em fevereiro de 2002, submetida à apreciação da equipe em reunião realizada em 15 de março do mesmo ano.

<sup>10</sup> No editorial deste número consta uma referência sintética a esta mudança. Ver Luzinete Simões MINELLA, 2002.

<sup>11</sup> Naquela oportunidade, a coordenação editorial foi assumida por Luzinete Simões Minella; a editoria de artigos por Joana Maria Pedro, Luzinete Simões Minella, Simone Pereira Schimdt e Susana Bornéo Funck; Sônia Weidner Maluf assumiu a editoria de dossiês; pela editoria de resenhas ficaram responsáveis Carmen Silvia Moraes Rial; Cristina Scheibe Wolff e Maria Juracy Toneli.

A edição das entrevistas ficou a cargo de Alai Garcia Diniz e Mara Coelho de Souza Lago.

As editoras assistentes, Carmem Vera Gonçalves Vieira Ramos e Rita Maria Xavier Machado, proporcionavam suporte técnico à maioria das atividades desenvolvidas por todas as editorias, atuando mais intensamente junto à coordenação, estabelecendo um padrão que se mantém até o momento, embora a segunda delas tenha passado no ano seguinte a desempenhar o papel de *webwoman* da Revista, sendo substituída por bolsistas. Essa proposta incluía ainda a editoria adjunta, formada pelas pesquisadoras responsáveis pela transição da Revista para a UFSC: Cláudia de Lima Costa e Miriam Pillar Grossi.

<sup>12</sup> Estes centros já sediavam a Revista desde 1999.

das agências que definem as políticas na área; a exigência da edição de três números anuais, conforme os critérios da Scientific Electronic Library Online (SciELO), definidos a partir da análise das tendências nacionais e internacionais de divulgação científica;<sup>13</sup> a criação em 2005 da editoria específica para produção de um número em inglês por ano, conforme a proposta da SciELO Social Sciences (SSS).<sup>14</sup>

Para atender à alta demanda de trabalho implicada na garantia da periodicidade e da qualidade da Revista e levando em conta que as editoras, tal como aquelas que lhes antecederam, não são dispensadas das suas responsabilidades com a docência e a pesquisa, prosseguiu a expansão da equipe através das seguintes estratégias:

a) o estabelecimento de parceria com as pesquisadoras do campo de gênero e feminismo da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Vale assinalar que muitas dessas jovens pesquisadoras foram alunas e orientandas das próprias editoras da Revista, cuja maioria desempenhou um papel pioneiro na área de gênero e feminismo no País e na UFSC; e

b) a incorporação de pesquisadoras de outras instituições universitárias do Sul do País, no caso, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Universidade Federal do Paraná (UFPR). Além dessas instituições, a Revista contou também, entre 2004 e 2007, com a participação na editoria de dossiês de uma pesquisadora que atua na Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SEPM).

Vale ressaltar que, apesar dessas parcerias, altamente benéficas para a equipe, a UFSC continua sendo a sua sede, responsabilizando-se pelo espaço físico, pelo funcionamento da secretaria, pela segurança dos equipamentos (obtidos através de recursos de diferentes projetos), pelo material de consumo, pelas despesas com remessas, dentre outros.

Algumas das implicações dessa ampliação serão brevemente discutidas no último item. No item a seguir, descrevo as funções das cinco editorias previstas nesse novo modelo implementado em 2002, referindo-me aos ajustes feitos ao longo do tempo, os quais incluem o surgimento de novas editorias.

## II – As funções das editorias específicas

Conforme mencionei no item anterior, o novo modelo editorial criou as seguintes editorias: artigos, ensaios e seção temática, entrevistas, dossiês e resenhas. Criou ainda a coordenação editorial, encarregada de articular todas elas e a editoria adjunta. A exceção da editoria adjunta, todas as demais estão mantidas até o momento, tendo sido planejada em 2004 a editoria de debates. Parte da descrição a seguir sintetiza a proposta citada no item anterior, elaborada por Luzinete Simões Minella e Cláudia de Lima Costa.<sup>15</sup> Como várias das funções citadas permanecem inalteradas até o momento, o relato será feito no tempo presente.

A primeira delas exerce as seguintes tarefas: faz uma primeira triagem dos artigos recebidos pela secretaria da Revista selecionando aqueles que atendem tanto aos requisitos potenciais para publicação quanto às normas técnicas da Revista, enviando-os para pareceristas *ad hoc* (mínimo de dois por artigo); ao receber os pareceres, a editoria se encarrega de encaminhá-los para as/os autoras/es, que elaboram uma nova versão. Essa

---

<sup>13</sup> A Revista se instalou na base de indexação SciELO desde 2001, totalizando 17 números até o final de 2007, conforme pode ser verificado em [www.scielo.org.br](http://www.scielo.org.br).

<sup>14</sup> A Revista conta com três números em inglês na SSS, sendo dois deles editados em 2006 e um em 2007. O número atual está sendo concluído.

<sup>15</sup> Ver nota 3.

versão é confrontada com a primeira a fim de verificar em que medida foram absorvidas as recomendações dos pareceristas. Em seguida, a editoria encaminha o artigo para revisão técnica, monitorando o seu retorno para consulta por parte das/dos autoras/es. Após a diagramação, o artigo retorna às editoras para revisão final.

Quando os artigos não atendem aos requisitos potenciais, mas podem ser aprimorados, após a análise e a identificação dos limites do texto, a editoria elabora um parecer sugerindo quais as modificações que devem ser feitas a fim de que reúnam as condições suficientes para serem enviados aos especialistas. Caso as/os autoras/es procedam a tais alterações e reencaminhem o artigo, essa editoria volta a analisá-los para então submetê-los à nova apreciação.

Quando o estilo do texto foge ao formato de artigo, deixando de conter resultados de estudos empíricos ou de abordar questões teóricas e metodológicas de modo mais sistemático, mas a temática se revela instigante e coloca em discussão novas idéias, essa editoria o incorpora como ensaio. Esta é, inclusive, a modalidade que mais se presta a uma quebra do estilo formal das temáticas e escritas.

Conforme recomendação da principal agência financiadora,<sup>16</sup> a editoria deve assegurar que os artigos selecionados (cinco, no mínimo, por número) sejam inéditos. Entre esses, a editoria estimula a publicação de originais em espanhol, visando proporcionar um caráter mais cosmopolita à Revista.

Em termos gerais, os números da REF contêm entre um a dois artigos traduzidos, geralmente não inéditos. Os artigos são encaminhados ou por editoras da própria equipe ou por autoras estrangeiras que têm conhecimento da Revista e fomentam o debate teórico, discutindo questões mais amplas e atuais. A editoria tenta absorver diferentes autoras (que podem ser mais conhecidas e menos conhecidas) e perspectivas (inclusive idiomas), vinculadas a distintas instituições, garantindo assim o espaço para a pluralidade de opiniões.

Eventualmente os números da Revista incluíam seções temáticas, modalidade que tem sido mais freqüente a partir de 2005. Neste caso, é também da competência dessa editoria avaliar as propostas encaminhadas por pessoas ou instituições, a partir de critérios discutidos pela equipe. Essa editoria também se responsabiliza por checar em que medida alguns dos artigos que abordam um mesmo tema, através de diferentes recortes e abordagens, e que são encaminhados espontaneamente podem ser organizados nesse formato. A coordenação editorial, como parte dessa editoria específica, analisa também em que medida uma determinada seção pode ser coordenada por pesquisadoras/es de outras instituições.

Editada pela primeira vez em 2005, a seção Debates<sup>17</sup> coloca, de acordo com Simone Schmidt, em artigo desta mesma seção, "no centro da discussão um texto clássico, referencial do feminismo ou dos estudos de gênero, ou ainda um texto que aborde um tema candente, de grande atualidade, ou clássico e sempre atual, em diálogo imediato com intelectuais feministas do Brasil e/ou de países latino-americanos".<sup>18</sup> As suas editoras se encarregam da seleção do texto bem como dos contatos com as autoras que o debaterão.

A editoria de entrevistas é responsável por sua edição. As entrevistas são realizadas tanto pelas integrantes da equipe editorial quanto por outras pesquisadoras da área, com personalidades internacionais e nacionais cuja contribuição é relevante para o desenvolvimento do campo.

Em geral, essa editoria aproveita as oportunidades oferecidas pelos eventos locais, nacionais e internacionais, explora as possibilidades que as colegas que estejam no

<sup>16</sup> Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

<sup>17</sup> Simone SCHMIDT, 2008.

<sup>18</sup> SCHMIDT, 2008.

exterior possam realizá-las, tenta entrevistar através da rede, monitora as/os autoras/es nos serviços de transcrição de fitas e de tradução de textos, analisa os textos antes de encaminhá-los para revisão técnica, entra em contato com as/os autoras/es caso seja necessário que resolvam problemas de revisão e faz a revisão final após a diagramação.

O Dossiê continua com a sua função estratégica na *REF* haja vista que através dele se estabelece o diálogo com os movimentos feministas e os outros núcleos da academia.<sup>19</sup> No plano da divulgação o Dossiê funciona como uma espécie de carro-chefe porque aborda temas atuais da agenda política desses movimentos e do Estado.

Cabe a essa editoria a elaboração de um planejamento dos temas a partir de contatos estabelecidos com possíveis co-organizadoras que são instadas pela própria Revista e também um planejamento da oferta espontânea e das condições de implementação das colaborações, definindo prazos, critérios, ordem de prioridades, monitorando a revisão técnica e revisando a diagramação. Em geral, seguindo a tradição da Revista, os dossiês contêm entre cinco e oito artigos sobre temas polêmicos e atuais que contribuem para o debate na área, sendo organizados por pesquisadoras e militantes de reconhecida competência no tema proposto.

A editoria de resenhas se dedica a “garimpá-las” e a estimular a sua realização através de anúncios na própria revista, na rede e ainda através de contatos pessoais, enfatizando a necessidade da produção de sínteses sobre obras atuais. Essa editoria tem produzido e atualizado os relatórios incluindo três itens: resenhas recebidas, resenhas confirmadas e resenhas prometidas. Após examiná-las e dialogar com as autoras, as editoras encaminham-nas para a coordenação editorial e para a revisão técnica.

A editoria adjunta<sup>20</sup> foi proposta porque as pesquisadoras que assumiram a transferência da *REF* para a UFSC – Cláudia de Lima Costa e Miriam Pillar Grossi – estavam se desligando de suas funções como editoras, mas continuavam comprometidas com a sua continuidade através da coordenação dos dois módulos do projeto da Ford (o Portal e o Consórcio de Publicações Feministas, respectivamente).<sup>21</sup> Logo, a equipe avaliou que a assinatura delas imprimia uma continuidade a um projeto exitoso em formato, conteúdo e entrada na academia, no movimento e no mercado. As atividades dessa editoria incluíam o apoio na divulgação e o encaminhamento de sugestões de textos para tradução, além das apreciações sobre os rumos da Revista.

Sintetizando, atualmente, em virtude da expansão das seções e das responsabilidades com a *SciELO*, a equipe está estruturada da seguinte maneira e contando com os seguintes números de editoras, cujos nomes figuram na nota 11:

a) coordenação editorial (2):<sup>22</sup>

<sup>19</sup> Sobre as peculiaridades deste diálogo, ver Sônia MALUF, 2004. Ver também o artigo de Leila Linhares Barsted nesta mesma seção (BARSTED, 2008).

<sup>20</sup> A Revista já tinha contado com uma editora adjunta – Bila Sorj – entre 1997 e 1999, antes, portanto, da sua instalação na UFSC.

<sup>21</sup> COSTA, GROSSI e MINELLA, 2001.

<sup>22</sup> As coordenadoras editoriais são, no momento, Cristina Scheibe Wolff (UFSC) e Luzinete Simões Minella (UFSC); participam da editoria de artigos, ensaios e seções temáticas as referidas coordenadoras e Joana Maria Pedro (UFSC), Miriam Pillar Grossi (UFSC), Rosana Cássia Kamita (UFSC) e Zahidé Lupinacci Muzart (UFSC); na editoria de dossiês atuam Carmen Susana Tornquist (Udesc), Cristiani Bereta da Silva (Udesc) e Mara Coelho de Souza Lago (UFSC); integram a editoria de debates Cláudia de Lima Costa (UFSC), Maria Juracy Filgueiras Toneli (UFSC), Rita Terezinha Schmidt (UFRGS) e Simone Pereira Schmidt (UFSC). A editoria de resenhas é composta de Maria Teresa Santos Cunha (UFSC/Udesc), Tânia Regina de Oliveira Ramos (UFSC) e Zahidé Lupinacci Muzart (UFSC). As entrevistas são editadas por Carmen Sílvia Moraes Rial (UFSC), Flávia de Mattos Motta (UFSC), Maria de Lourdes Borges (UFSC), Marlene de Fáveri (Udesc) e Sílvia M. F. Arend (Udesc). As editoras da *REF* na *SciELO Social Sciences* são Gláucia de Oliveira Assis (Udesc) e Miriam Adelman (UFPR).

- b) editoria de artigos, ensaios e seção temática (5);
- c) editoria de dossiês (3);
- d) editoria de debates (5);
- e) editoria de resenhas (3);
- f) editoria de entrevistas (5); e
- g) editoria no SSS (2).

A equipe atual envolve, portanto, 22 pesquisadoras, que, por razões várias, podem circular pelas diferentes editorias, compartilhando o aprendizado. As funções da coordenação também implicam em rotatividade pelo menos a cada dois anos. Completando essa estrutura, temos ainda a função de apoio editorial, atualmente exercida por Marlene Tamanini, na UFPR.<sup>23</sup> O total de pessoas envolvidas, portanto, é superior ao registrado em 2002, quando o modelo foi inaugurado, ou seja, quatorze, incluindo as adjuntas. Mas, fica abaixo, por exemplo, do número de profissionais envolvidas na edição da revista *Nouvelles Questions Féministes*, cujo comitê de redação, conforme o relato de Jules Falquet, ao qual me refiro no item seguinte, inclui 50 pesquisadoras instaladas em diferentes países e é semelhante ao número de editoras de algumas publicações feministas nacionais e internacionais.

O atual número de editoras da *REF* está próximo, por exemplo, do considerável montante de investigadoras envolvidas na edição da *Feminist Review*, conceituada revista norte-americana publicada pela Palgrave Macmillan, a qual, segundo as informações que constam na sua *homepage*, é editada por um coletivo composto de 15 investigadoras e respaldado por 13 *corresponding editors*, oriundas de diferentes países.<sup>24</sup>

Outra conceituada revista feminista norte-americana, a *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, publicada pela Chicago University Press, conta atualmente com uma editora líder, uma sênior, uma assistente, quatro editoras executivas, um *managing editor*, além de 8 editores eméritos, 53 associados e um comitê internacional.<sup>25</sup>

A revista *Debate Feminista* também vem mostrando uma tendência à expansão, pois atualmente conta com uma editora líder, uma responsável pela redação e um comitê editorial, do qual participam 17 pesquisadoras.<sup>26</sup>

Se a expansão da equipe da *REF* se aproxima do número dessas revistas internacionais ou fica ligeiramente abaixo delas, destoa de outras publicações latino-americanas cuja edição continua mais concentrada. Esse parece ser o caso da *Revista de Estudios de Género La Ventana*, publicada pelo Centro Universitario de Ciencias Sociales y Humanidades, da Universidade de Guadalajara, a qual conta com duas pessoas na equipe editorial, além do conselho editorial composto de 18 pesquisadoras.<sup>27</sup>

No Brasil, chama a atenção a estratégia adotada pelos *Cadernos Pagu*, que mantêm uma editoria chefe, uma executiva, uma associada e um comitê editorial que inclui seis

<sup>23</sup> Vale relembrar que toda esta equipe conta com a colaboração da editoria assistente, liderada desde 1999 por Carmem Vera Ramos e composta eventualmente por alguma bolsista mais experiente, que se encarrega, dentre outras múltiplas funções, da atualização permanente do fluxo dos artigos. Conta ainda com o trabalho de Rita Xavier Machado (*webwoman*) na alimentação dos bancos de dados da SciELO e do Portal de Publicações Feministas, além da editoração eletrônica da Revista. A essas eficientes colaborações soma-se o trabalho de José Renato de Faria, nosso competente revisor técnico, e de Louise Lazzari, produtora de arte, além de Maise Caroline Zucco, responsável atualmente pela divulgação e distribuição da Revista.

<sup>24</sup> Disponível em: <http://www.feminist-review.com/>. Acesso em: 4 abr. 2008.

<sup>25</sup> Disponível em: <http://www.journals.uchicago.edu/>. Acesso em: 4 abr. 2008.

<sup>26</sup> Disponível em: <http://www.debatefeminista.com/>. Acesso em: 5 abr. 2008.

<sup>27</sup> Disponível em: <http://www.publicaciones.cucsh.udg.mx/>. Acesso em: 5 abr. 2008.

pesquisadoras. Embora o número da equipe permanente seja menor do que o da *REF*, os *Cadernos Pagu* publicam uma importante seção denominada Dossiê, que pode ser organizada por editoras externas, envolvendo assim um conjunto expressivo de investigadoras na sua elaboração.<sup>28</sup>

Considero que seria interessante verificar com mais detalhes as especificidades dessa aparente expansão, dialogando com as editoras dessas (e de outras) revistas e recuperando a evolução dos números das suas equipes ao longo do tempo. Dentro dos limites dessa breve comparação, porém, arrisco dizer que a expansão da equipe da *REF* parece acompanhar uma tendência mais geral, que poderia ser explicada não apenas pelos fatores específicos que a condicionam, mas pelo próprio contexto mais geral de globalização da cultura.<sup>29</sup>

### III – Fazendo a *REF*, fazendo política: as vantagens e os desafios da metamorfose

Ao realizar um balanço deste modelo, relacionarei inicialmente suas vantagens para em seguida comentar os desafios nele implicados. Uma das vantagens tem sido o aprofundamento da consciência do caráter coletivo dessa experiência por parte da equipe. Ou seja, as suas integrantes tendem cada vez mais a assimilar esse caráter como algo fundamental nessa atividade que se constitui numa rede, formada por várias instituições, amparada pelo Conselho Nacional,<sup>30</sup> pelas agências financiadoras, pelos indexadores, pelas colaboradoras/es, pelas pareceristas, pelos avaliadores, pelos assinantes, pela secretaria, pelos bolsistas etc.

A ampliação da base institucional da Revista, a qual inclui a expansão do seu alcance através das versões eletrônicas,<sup>31</sup> representa uma vantagem considerável na medida em que favorece o diálogo acadêmico, as alternativas de cooperação e o fortalecimento de um formato de gestão editorial coletiva. Talvez, por isso mesmo, considero que fazer a *REF* é fazer política, ou seja, é negociar permanentemente com cada uma das instâncias “externas”, citadas acima, e, ao mesmo tempo, negociar nas “internas”, isto é, no nível das relações entre as diferentes editorias a fim de elaborar os (às vezes difíceis) consensos necessários não apenas à sua sobrevivência mas à continuidade do seu papel estratégico no campo.

Conforme adverti na introdução, esse ponto de vista se inspira em algumas reflexões de editoras de publicações feministas sobre o caráter político da atividade editorial. Em artigo já referido, Miriam Grossi, por exemplo, observa que fazer a *REF* constitui um aprendizado político, dada a necessidade de um “amplo conhecimento tanto do campo de estudos de gênero e feminista quanto do campo de publicações científicas em geral”. A autora ressalta o caráter político da atividade lembrando que ao fazê-la tornaram-se necessários também “a ampliação do diálogo com os núcleos já constituídos”, a frequência

---

<sup>28</sup> Disponível em: <http://www.unicamp.br/pagu/>. Acesso em: 5 abr. 2008.

<sup>29</sup> Vale ressaltar que nesse apanhado geral sobre os números de pessoas diretamente envolvidas na edição das publicações citadas, excluí os conselhos consultivos internacionais que as respaldam.

<sup>30</sup> O Conselho Nacional tem sido periodicamente instado a participar das principais decisões que envolvem os rumos da Revista, além de colaborar na sua divulgação e, eventualmente, na apreciação de artigos. Integram atualmente o Conselho as seguintes pesquisadoras, ex-editoras da Revista: Albertina de Oliveira Costa (FCC); Ana Arruda Callado (UFRJ); Bila Sorj (UFRJ); Leila Linhares Barsted (UFRJ/CEPIA); Maria Luiza Heilborn (UERJ), Miriam Pillar Grossi (UFSC) e Susana Bornéo Funck (UFSC/UCP).

<sup>31</sup> Disponíveis em [www.scielo.org.br](http://www.scielo.org.br) e [www.portalfeminista.org.br](http://www.portalfeminista.org.br). Brevemente disponível no Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER/UFSC).



regular aos eventos da área, a participação nos fóruns de editores científicos, o diálogo com os comitês científicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e do CNPq, dentre outros.<sup>32</sup>

Ressaltando o papel político das equipes de edição, Maria Margaret Lopes e Adriana Piscitelli assinalam que

nas análises de publicações científicas de qualquer campo disciplinar, os editores das revistas científicas são apontados como os responsáveis por selecionar as informações e pontos de vista em discussão, porque eles jogam um papel decisivo na organização, direcionamento, consolidação e, portanto, controle e definição das fronteiras de acesso à área de estudo. No entanto, os editores precisam articular as demandas de seu corpo editorial, pareceristas, articulistas, público leitor, assinantes, agências de financiamento e avaliadores. Neste processo, as revistas, também na área de gênero, contribuem para a constituição das redes e de 'colégios invisíveis' mantenedores do campo.<sup>33</sup>

O sentido político da atividade editorial aparece também nas reflexões de Cláudia de Lima Costa a respeito das publicações feministas como lugar de enunciação, em particular, de textos traduzidos. Afirma a autora que

é no âmbito das teorias feministas [...] que a questão do lugar se torna fundamental, para medir o alcance político das mesmas, isto é, as maneiras como estas intervêm nas estruturas de desigualdade social. Sempre situadas diferentemente nos sistemas de dominação, de privilégio e de exclusão, narramos (e publicamos) a partir de um lugar (tanto em seu sentido literal quanto metafórico, quero dizer, como imaginado, político, mental, etc.). Procurar entender esse lugar em todas as suas dimensões nos leva à necessidade de historicizá-lo e de politizá-lo, permitindo, então, uma avaliação mais crítica da construção e institucionalização das diferenças (e das práticas políticas que as articulam).<sup>34</sup>

Numa linha semelhante de reflexão, Jacira Melo afirma que "além de serem importantes veículos para divulgação de informações, as publicações feministas também contribuem para o aprimoramento e a renovação de propostas e discursos políticos sobre a condição da mulher". Segundo a autora, por isso mesmo "é preciso analisar a produção de publicações como uma ação política direta, de disseminação de idéias, propostas, questões e conceitos, e não apenas como mais um instrumento de divulgação".<sup>35</sup>

A mesma autora defende "uma maior profissionalização da atividade editorial feminista" a fim de que as publicações se aprimorem e renovem os seus discursos. Preocupada com o contexto atual, observa que se trata atualmente de produzir a partir de "um maior acúmulo de experiências e um menor volume de recursos", o que configura uma situação que "exige novas estratégias".<sup>36</sup>

Estimulada pelos pontos de vista dessas autoras, entendo primeiro que não existe publicação sem agenciamentos políticos e segundo que a ampliação da base institucional da *REF*, bem como da conseqüente expansão da sua equipe, constitui uma nova estratégia, que, dentre outros fatores citados ao longo do texto, responde a um dos seus principais desafios que é a falta de recursos.

A segunda vantagem decorre da primeira e consiste nas possibilidades de revitalização que se abrem tanto através da circulação das editoras por diferentes instituições

---

<sup>32</sup> GROSSI, 2004, p. 216.

<sup>33</sup> GROSSI, 2004, p. 118.

<sup>34</sup> COSTA, 2003, p. 260.

<sup>35</sup> MELO, 2003, p. 298.

<sup>36</sup> MELO, 2003, p. 298.

e países quanto da absorção das novas gerações de pesquisadoras. A essas possibilidades soma-se a decisão de ampliar o espaço para absorver as contribuições das novas pesquisadoras do campo, tanto no Brasil quanto no exterior, em particular as latino-americanas.

Essa situação se assemelha àquela descrita por Jules Falquet ao analisar a revista *Nouvelles Questions Féministes*, constatando que o comitê de redação atual se expandiu significativamente em relação às suas origens, incluindo 50 pessoas, dentre as quais, muitas são jovens:

la presencia de una importante cantidad de jóvenes feministas en el comité de redacción es un elemento importante en la dinámica de la revista. *NQF* desea abrir un espacio a las nuevas generaciones, en su construcción intelectual y a través de la publicación de artículos. De hecho, también con el propósito de contribuir a apoyar el desarrollo de los estudios feministas en la academia, *NQF* ofrece un apoyo especial a las investigadoras feministas que empiezan su trayectoria profesional [...]. El Comité ha rejuvenecido considerablemente: ahora las treinteañeras son mayoría, y conjuga experiencias múltiples.<sup>37</sup>

Mas, diferentemente da *Revista Estudos Feministas*, na qual as editoras se encarregam das seções específicas, Jules Falquet observa que, no caso da *NQF*, prevalece um sistema de rodizio, com características próprias:

el papel del Comité de redacción, que tiene tres reuniones ordinarias al año (después de la salida de cada número, para poder hacer un balance del mismo), se centra en definir las temáticas de los números de la revista, sus orientaciones científicas y políticas. Para el trabajo "efectivo" de realización de cada número, se forman grupos de coordinación ad hoc de cuatro o cinco personas en promedio, que pueden incluir personas exteriores al comité de redacción. Estos grupos se auto-organizan y deciden sus modos de funcionamiento, lo que permite respetar las disponibilidades de cada una y garantizar la diversidad de las contribuciones. La evaluación de los artículos y textos sometidos a la revista se realiza por el grupo coordinador de cada número, así como por dictaminadoras exteriores especializadas en el tema a evaluar.<sup>38</sup>

Apesar das diferenças, esse modelo de atuação guarda alguma semelhança com a maneira como tanto a *REF* como os *Cadernos Pagu* organizam a seção Dossiê, haja vista que a *NQF* também admite a inclusão de editoras convidadas, configurando uma espécie de rodizio dentro do campo de estudos.

Vê-se, portanto, que, dependendo do contexto sociocultural, o aumento das equipes editoriais e o sistema de rodízios assumem características específicas e dinâmicas próprias, evidenciando a capacidade de reinvenção das práticas editoriais feministas diante dos obstáculos regionais e do crescimento da área.

No caso da *REF*, os principais desafios implicados na expansão da equipe se relacionam, a meu ver, primeiro, com os riscos da fragmentação das atividades, haja vista que cada editoria específica se encarrega de uma determinada seção da Revista, podendo comprometer uma visão de conjunto. Por isso mesmo, dois fatores adquirem especial relevância: as reuniões gerais, pois nelas é que se estabelecem as possibilidades de troca de experiências, debates e apoio mútuo; e o papel da coordenação, que, além de se encarregar da viabilização do cotidiano administrativo da Revista, deve tentar funcionar tanto quanto possível como fator de equilíbrio, acompanhando o trabalho das diferentes

---

<sup>37</sup> FALQUET, 2004, p. 69.

<sup>38</sup> FALQUET, 2004, p. 69.

editorias específicas, o minucioso processo de revisão técnica, a elaboração da arte etc. a fim de garantir uma certa unidade a cada um dos seus exemplares.

Segundo, os desafios se relacionam com as tensões implicadas nos processos democráticos que, em geral, caracterizam-se pela diversidade dos atores/atrizes em cena. Sem dúvida alguma, o fato de que as pesquisadoras envolvidas atuam em diferentes lugares e áreas disciplinares, profissionalizaram-se em diferentes instituições e países, fizeram (e fazem permanentemente) distintas opções teóricas e ideológicas e, além de tudo isso, têm diferentes idades etc., enriquece o diálogo e potencializa a capacidade de reinvenção diante da falta de recursos, das carências de infra-estrutura e de outras limitações. Mas, simultaneamente, essa diversidade potencializa os embates, exigindo um esforço extra de todas, em particular da coordenação editorial, para tentar resgatar, mesmo que seja *a posteriori*, os seus aspectos politicamente produtivos.

Concluindo, ressalto que os aspectos brevemente discutidos neste texto apontam para a necessidade de uma avaliação periódica acerca do desempenho da equipe diante dessa expansão, conforme estabelecido na proposta elaborada e aprovada em 2002. Além das questões específicas, tal avaliação, creio, deve levar em conta, de modo mais detalhado, o quadro mais geral das publicações feministas nacionais e internacionais, verificando-se não apenas o quantitativo das equipes diretamente envolvidas na sua execução, mas os fatores que o condicionam, bem como a dinâmica dos sistemas de rodízio que vêm sendo adotados. Apenas a partir dessa avaliação mais ampla é que a editoria da REF reunirá as condições necessárias para definir o seu futuro, ou tomando o número e a dinâmica atuais como referência e limite, ou expandindo ainda mais a capacidade de inclusão de colaboradoras permanentes, ou voltando a concentrar o trabalho nas mãos de um limitado número de pesquisadoras. A definição desse futuro representa sem dúvida um grande desafio político.

## Referências bibliográficas

- BARSTED, Leila Linhares. "As relações da *Revista Estudos Feministas* com os movimentos de mulheres". *Revista Estudos Feministas*, v. 16, n. 1, p. 97-103, 2008.
- CHICAGO JOURNALS. Disponível em: <http://www.journals.uchicago.edu/>. Acesso em: 3 abr. 2008.
- CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. Disponível em: <http://www.cnpq.br/>. Acesso em: 4 abr. 2008.
- COSTA, Cláudia de Lima; GROSSI, Miriam Pillar; MINELLA, Luzinete Simões. *Projeto para o desenvolvimento e implementação da Revista Estudos Feministas Online e de um Consórcio de Revistas Feministas*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.
- COSTA, Cláudia de Lima. "As publicações feministas e a política transnacional da tradução: reflexões do campo". *Revista Estudos Feministas*, v. 11, n. 1, p. 254-264, 2003.
- DEBATE FEMINISTA. Disponível em: <http://www.debatefeminista.com/>. Acesso em: 3 abr. 2008.
- FALQUET, Jules. "Nouvelles Questions Féministes: 22 años profundizando em una visión feminista, radical, materialista y anti-esencialista". *Revista Estudos Feministas*, v. 11, número especial, p. 63-74, 2004.
- FEMINIST REVIEW. Disponível em: <http://www.feminist-review.com>. Acesso em: 3 abr. 2008.
- GROSSI, Miriam Pillar. "A *Revista Estudos Feministas* faz dez anos – uma breve história do feminismo no Brasil". *Revista Estudos Feministas*, v. 12, número especial, p. 211-221, 2004.
- LAVINAS, Lena. "Editorial". *Revista Estudos Feministas*, n. 0, p. 2-4, 1992.

- LOPES, Maria Margaret; PISCITELLI, Adriana. "Revistas científicas e a constituição do campo de estudos de gênero: um olhar desde as 'margens'". *Revista Estudos Feministas*, v. 11, número especial, p. 115-121, 2004.
- MALUF, Sônia. "Os dossiês da REF: além das fronteiras entre a academia e a militância". *Revista Estudos Feministas*, v. 12, número especial, p. 235-244, 2004.
- MELO, Jacira. "Publicar é uma ação política". *Revista Estudos Feministas*, v. 11, n. 1, p. 298-301, 2003.
- MINELLA, Luzinete Simões. "Editorial". *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 2, p. 279-282, 2002.
- NÚCLEO DE ESTUDOS DE GÊNERO: PAGU. Disponível em: <http://www.unicamp.br/pagu/>. Acesso em: 4 abr. 2008.
- PORTAL FEMINISTA. Disponível em: [www.portalfeminista.org.br](http://www.portalfeminista.org.br). Acesso em: 4 abr. 2008.
- PUBLICACIONES DEL CUCSH. Disponível em: <http://www.publicaciones.cucsh.udg.mx/>. Acesso em: 4 abr. de 2008.
- SCHMIDI, Simone. "A seção Debates em revista: práticas feministas de tradução". *Revista Estudos Feministas*, v. 16, n. 1, p. 117-122, 2008.
- SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE. Disponível em: [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em: 3 abr. 2008.

[Recebido em janeiro de 2008  
e aceito para publicação em março de 2008]

***Making REF is Making Politics: Memories of an Editorial Metamorphosis***

**Abstract:** *This article focuses on the new editorial model launched in Revista Estudos Feministas in 2002, that is, three years after its installation in Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). While firstly detailing the memories of such metamorphosis, the text refers to the transitions of REF's editorship format, to the purposes and criteria of the new structure, as well as the meanings of the team expansion in relation to some national and international feminist publications. Eventually the article briefly discusses the advantages and challenges implicated in this new editorial policy.*

**Key Words:** *Editorial Policy; Feminist Publications; Specific Editorships.*